
Estudos decoloniais na Comunicação: a percepção de estudantes e professoras/es sobre tais discussões nos cursos de Jornalismo e de Publicidade da UFC¹

Rodrigo Franklin Salviano de CARVALHO²

Sofia Isis Dutra ROCHA³

Jamilly Gomes MELO⁴

Levi Cesar Castro PALHANO⁵

Clarice Canuto PINHEIRO⁶

Robson da Silva BRAGA⁷

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Este artigo analisa de que modo estudantes e professoras/es percebem a inserção das discussões e de textos decoloniais nas disciplinas obrigatórias dos cursos de Publicidade e Propaganda e de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). Para isso, foram aplicados questionários on-line com perguntas fechadas e abertas. Ao longo do semestre de 2021.1, o formulário recebeu 106 respostas de estudantes e 18 respostas de professoras/es dos dois cursos. Podemos depreender dos resultados que as discussões decoloniais experimentadas em sala de aula já possuem certa expressão em termos práticos (não teórico-conceitual), ainda se demonstrando, contudo, tímida em termos de bibliografia das disciplinas e de debate racionalizado sobre o tema decolonial.

PALAVRAS-CHAVE: estudos decoloniais; currículo; epistemologias da Comunicação; epistemologias do sul; cursos de Comunicação

1 INTRODUÇÃO

A universidade é um lugar de produção de conhecimento, fazendo-se necessário ocupá-la de forma consciente e crítica. Quantas pessoas negras existem no ambiente acadêmico? Quais lugares são ocupados por elas? Quantas professoras e professores negres ou indígenas podemos ver no corpo docente? Quantos autores negros foram estudados em sala? Quantas autoras negras podem ser encontradas nas ementas das

¹ Trabalho apresentado na IJ08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 8º semestre do curso de Jornalismo da UFC, e-mail: rfsscarv@gmail.com

³ Estudante de graduação do 5º semestre do curso de Publicidade e Propaganda da UFC, e-mail: sofiaisis@alu.ufc.br

⁴ Estudante de graduação do 8º semestre do curso de Publicidade e Propaganda da UFC, e-mail:

millygm1612@gmail.com

⁵ Estudante de graduação do 3º semestre do curso de Jornalismo da UFC, e-mail: levipalhano@gmail.com

⁶ Estudante de graduação do 3º semestre do curso de Publicidade e Propaganda da UFC, e-mail:

canutoclarice@gmail.com

⁷ Orientador do trabalho, professor do Curso de Jornalismo da UFC, e-mail: robsonsilvabraga2@gmail.com

disciplinas? Como questões de racismo, gênero e sexismo são discutidas dentro e fora do espaço acadêmico?

Preocupado com tais questões, desde 2019, o Programa de Educação Tutorial dos cursos de Comunicação (PETCom) da Universidade Federal do Ceará (UFC) tem se aproximado de questões e de pesquisas decoloniais, por meio de encontros, conversas e discussões que surgiram dentro do Grupo de Estudos Decoloniais (GED), uma das ações do PET. O grupo de estudos surgiu de um sentimento de urgência dos alunos e da necessidade de se conhecer outros saberes, outras visões de mundo e de valorizar outras cosmologias que nos falam da importância de se enraizar nos saberes ancestrais para dismantlar a norma imposta pela engrenagem colonial, que se apresenta também no meio acadêmico e epistemológico como uma lógica branca-moderna-europeia, muitas vezes colocada como universal, legítima e única.

Em contraposição à ciência moderna, de base positivista, Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (2010) defendem as "epistemologias do sul" global, ou seja, os conhecimentos elaborados pelos países do hemisfério sul, onde se encontram, por exemplo, a América Latina, a África subsaariana e parte do continente asiático. Os conhecimentos produzidos nesses países ou por seus nacionais são encarados pelos dois autores como um caminho para a destituição da dominação colonial presente no meio acadêmico e como forma de resgatar saberes que foram roubados e exterminados pelos processos de colonização.

O colonialismo para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e nações colonizados [...] As Epistemologias do Sul são um conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante, valorizam os saberes que resistiram com êxito e as reflexões que estes têm produzido e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos (SANTOS; MENESES, 2021, ps. 5 e 13).

Dessa forma, podemos observar como a universidade é um espaço branco no qual o direito de fala é constantemente negado às mulheres, pessoas negras, indígenas, dissidentes de gênero/sexualidade e não cristãs. Buscar estabelecer um olhar crítico sobre essa situação, trazendo discussões sobre racismo, sexismo, genocídio dos povos

indígenas, intolerância religiosa, LGBTQI+fobia, deve ser um primeiro passo para trazer à tona outras vozes e formas de ver, pensar e criar mundos.

Em meio a tantos questionamentos, os alunes do PETCom da UFC desenvolveram uma pesquisa quantitativa-qualitativa com professores e alunes dos cursos de Publicidade e Propaganda e de Jornalismo da instituição com o objetivo de analisar de que modo discentes e docentes percebem a inserção das discussões e de textos decoloniais nas disciplinas obrigatórias dos dois cursos.

Foram aplicados questionários on-line com perguntas fechadas e abertas. Ao longo do semestre de 2021.1, o formulário recebeu 106 respostas de estudantes e 18 respostas de professoras/es dos dois cursos.

Os resultados compilados neste artigo integram uma pesquisa maior que está sendo realizada pelo PETCom da UFC, denominada como “Pesquisa sobre estudos decoloniais na Comunicação”. Tal investigação tem como objetivo mapear a bibliografia das ementas das disciplinas dos dois cursos para, a partir dos dados, identificar possíveis autores e textos decoloniais que possam somar a cada uma das disciplinas. Ao final da pesquisa, o PETCom vai conversar com o colegiado dos dois cursos, a fim de sugerir bibliografia a ser incluída no programa das disciplinas.

2 DEFINIÇÃO CONCEITUAL

A pesquisa se desenvolveu a partir de referências bibliográficas que perpassam a comunicação e a própria relação dessa com os estudos decoloniais. Compreendemos, assim, a comunicação como esse processo artificial humano (FLUSSER, 2007, p. 89) que se baseia “em artifícios, descobertas, ferramentas e instrumentos, a saber, em símbolos organizados em códigos”. E é nessa esfera comunicacional de códigos e discursos que observamos o ambiente em que se situam os cursos de Comunicação da UFC.

Partimos de tal definição do autor para pensar a Comunicação como uma disciplina interpretativa responsável por “criar significados” (FLUSSER, 2007). Logo, quem cria os significados? Que significados são repercutidos bibliograficamente nos cursos de Comunicação da UFC?

Defendemos uma abordagem mais plural acerca dos discursos produzidos nos cursos de Comunicação, tendo por base a perspectiva teórica das “epistemologias do

sul” (BOAVENTURA; MENESES, 2009). Entende-se por epistemologias do sul um conjunto de formas de se conhecer o mundo a partir de um olhar não europeu. As epistemologias do sul criticam a colonização do pensamento científico, imposta historicamente pelos países do hemisfério norte. Tal abordagem disruptiva busca compreender os desdobramentos epistemológicos que rompem o caráter hegemônico desse saber epistemológico:

Designamos a diversidade epistemológica do mundo por epistemologias do Sul. O Sul é aqui concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo (BOAVENTURA; MENESES, 2009, p.12)

Nessa perspectiva, compreendemos a necessidade de se incluir conceitos oriundos dos estudos decoloniais na grade curricular dos cursos de Comunicação, na intenção de reivindicar a existência desses “Outros” currículos e propostas epistemológicas do sul.

Os estudos decoloniais surgem a partir da revisão da questão do poder na modernidade (QUINTERO; FIGUEIRA; ELIZALDE, 2019), elencando processos como o de colonização de povos e epistemologias em suas pautas, ao compreender a colonialidade do poder, como proposto por Quijano (2005), “para nomear o padrão de dominação global que se constitui como a face oculta da modernidade” (QUINTERO; FIGUEIRA; ELIZALDE, 2019, p. 5).

Na avaliação de Maria Clara Araújo dos Passos (2019):

Diante das universidades ocidentalizadas, as quais incorporaram as estruturas epistêmicas racistas/sexistas, intervenções no campo do saber,[...], reivindicam a existência de currículos que sejam construídos em uma ótica plural, se colocando contra a inferiorização dos saberes oriundos de Outros grupos invisibilizados frente ao cânone moderno/colonial (PASSOS, 2009, p. 200).

É a partir dessa proposta, de se repensar os colonialismos de poder, de se encontrar brechas para um desmonte decolonial, que compreendemos os estudos decoloniais em nossa pesquisa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A primeira parte dessa pesquisa consistiu na análise das ementas dos cursos de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda da UFC para identificar a existência de literaturas decoloniais nas disciplinas obrigatórias.

Para realizar essa análise, foi utilizado o método qualitativo, que consiste na verificação do teor do *corpus* selecionado. Em cada disciplina obrigatória, foi observado se existiam, em seu material indicado para estudo, autoras e autores negres, indígenas, latino-americanos e africanos.

O objetivo dessa primeira análise era identificar se era proporcionado para os alunos um material mais plural para a discussão da comunicação e de temas presentes na sociedade e referentes a países que foram colonizados, a exemplo do racismo.

Para a organização desse material, foi elaborada uma planilha para cada curso. Nelas continham as seguintes informações: nome de cada disciplina obrigatória e um espaço destinado para colocar os materiais decoloniais que estivessem presentes nas ementas.

Depois dessa pesquisa documental, foi elaborado um questionário específico para cada grupo avaliado, estudantes e professores, com o objetivo de analisar a percepção de discussões relacionadas ao tema da pesquisa dentro dos cursos de Comunicação.

Os questionários eram qualitativos e quantitativos. As perguntas eram do tipo fechadas, abertas, com gradação de opinião e de múltipla escolha. Foram perguntadas informações objetivas, como nome, e-mail, curso e semestre, e subjetivas, como raça, gênero e a percepção sobre o tema pesquisado.

A etapa final dessa pesquisa foi a análise das respostas dos questionários e a escrita deste artigo. Os dados coletados servirão como base para dar continuidade à pesquisa, que será a indicação de materiais decoloniais para inclusão nas grades curriculares dos cursos de Comunicação da UFC.

4 EMENTAS DOS DOIS CURSOS

Com base na análise da bibliografia utilizada nas ementas dos cursos de Publicidade e Propaganda e de Jornalismo, depreende-se que há maior recorrência de discussões relacionadas a temáticas decoloniais nos programas de disciplinas teóricas,

de modo a trabalhar, por exemplo, questões como cultura e etnocentrismo, identidade, diversidade cultural, direitos humanos e as novas configurações sociais experimentadas ao longo do tempo.

Em síntese, as ementas direcionam a um estudo linear dos aspectos teóricos e práticos inerentes ao trabalho publicitário e jornalístico, transitando desde as teorias norteadoras até as técnicas utilizadas no mercado. Ao longo das disciplinas, são abordados conceitos relacionados aos fundamentos da comunicação, da publicidade e do jornalismo, assim como a aplicação de concepções sociológicas, filosóficas e antropológicas ao contexto comunicacional.

A partir de uma análise quantitativa dos planos de ensino referentes às 34 disciplinas obrigatórias do curso de Jornalismo, nota-se que, dessas, 14 são voltadas a uma abordagem predominantemente teórica, das quais sete introduzem temáticas que dialogam com a discussão decolonial, de modo a debater questões ligadas a gênero e sexualidade, combate ao racismo e movimentos identitários. Alguns dos autores utilizados como referenciais nessas cadeiras são Nilson Lage, Dominique Wolton, Pierre Lévy e Cremilda Medina.

Já as ementas das 20 disciplinas práticas da matriz curricular indicam referenciais mais permeados de conceitos técnicos, voltados à instrumentalização do conhecimento, gerando dificuldades aos professores em incluir conteúdos decoloniais nos programas de curso, de acordo com relatos colhidos por esta pesquisa.

Já o curso de Publicidade e Propaganda conta com 26 disciplinas obrigatórias, das quais 14 abordam aspectos teóricos da formação e atuação publicitária, sendo que seis dessas apresentam temáticas relacionadas ao decolonialismo, com destaque para questões ligadas aos direitos humanos e aos movimentos sociais e identitários. Em relação às 12 cadeiras práticas, a exemplo do curso de Jornalismo, enfatiza-se o caráter técnico de suas referências bibliográficas, direcionadas à formação do profissional que atuará no mercado de trabalho.

A partir dessa constatação, é possível considerar que o debate decolonial ainda ocorre de forma superficial e insuficiente em ambos os cursos, tendo em vista a escassez de recomendações de textos e autores decoloniais nas referências bibliográficas. Também se conclui que há maior recorrência de discussões relacionadas ao decolonialismo nos programas de disciplinas majoritariamente teóricas.

5 ANÁLISE DAS RESPOSTAS AO FORMULÁRIO DOS ESTUDANTES

Ao longo de 2021.1, coletamos respostas a um questionário on-line destinado a estudantes e professoras/es dos cursos de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda da UFC. Enviamos o link do formulário por meio de WhatsApp e por e-mail para quase que a totalidade de alunos e professoras/es dos dois cursos. Obtivemos 106 respostas de estudantes e 18 respostas de professoras/es. Em 2021.1, o curso de Publicidade possuía 309 estudantes vinculadas/os e 15 professoras/es (entre efetivos e substitutos). Já o curso de Jornalismo possuía, no mesmo semestre, cerca de 260 estudantes vinculados e 14 professores.

Entre os respondentes, 54,7% são estudantes do curso de Publicidade, enquanto 45,3% são do Jornalismo, percentuais relativamente equilibrados. A maioria se define como pardo (47,2%), seguida dos que se definem como branco (43,4%) e preto (9,4%). Ninguém se definiu como amarelo ou indígena. Quanto ao gênero, a grande maioria se define como cisgênero (95,3%), seguidos de “outros” (2,8%) e de “não binário” (1,9%). As opções eram “cisgênero”, “transgênero”, “não binário” e “outros”. Tal dado aponta para o contexto social dos nossos cursos: ainda não é um curso plural, especialmente quanto à identidade de gênero.

Os respondentes em semestres variados, sendo a maioria do primeiro período (30,2%), seguida pelos que se definem como “fatorial” (17%), seguido pelos estudantes do segundo semestre (13,2%), do quarto (12,3%), do terceiro (9,4%), do oitavo (9,4%), do sexto (4,7%), do sétimo (2,8%) e do quinto (0,9%).

Em seguida, o formulário trazia a pergunta: “Qual seu nível de proximidade com discussões decoloniais?”. Um total de 41,5% marcou a opção “sei do que se trata, mas nunca li sobre o tema”, seguido dos que marcaram a opção “já fiz leituras ou assisti a debates sobre o tema” (31,1%), seguido por “já ouvi falar, mas não sei do que se trata” (12,3%) e por “nunca ouvi falar” (12,3 %). Com base nas respostas, podemos perceber que se trata de um assunto que está sendo discutido, especialmente nas redes sociais, mas não é possível identificar o nível de profundidade desses temas, especialmente em sala de aula, onde os estudantes poderiam acessar por meio de leituras.

A pergunta seguinte dizia: “Nas disciplinas que você cursou, foram abordadas questões de raça, gênero, sexualidade, territorialidade durante as discussões levantadas?”. A maioria marcou a opção “raras disciplinas abordaram esses temas”

(50,9%), seguida de “esses temas são frequentemente abordados nas disciplinas que curso” (41,1%), “as disciplinas do meu curso abordam esses temas com bastante frequência” (5,7%) e “esses temas nunca foram abordados em nenhuma disciplina que cursei” (1,9%). Por serem respostas opostas, os percentuais relativamente próximos das duas primeiras opções nos foram lidos com surpresa, fazendo-nos pensar sobre um possível debate, de certa forma, não muito evidente, não sendo percebido como tal por cerca de metade dos respondentes.

Em seguida, perguntamos: “Em que nível essas discussões aparecem nas disciplinas?”. A resposta mais citada foi “não aparecem em formato de leituras das disciplinas, mas aparecem nos debates em sala” (39,6%), seguida de “aparecem nas leituras das disciplinas e nos debates em sala” (28,3%), de “com frequência” (30,2%), de “quase nunca” (21,7%) e de “nunca” (0,9%). Ninguém marcou a opção “aparecem nas leituras das disciplinas, mas os debates são insuficientes ou equivocados” (0%).

As respostas dadas à última pergunta podem estar relacionadas com o tópico anterior (nível de discussão decolonial em cada disciplina), podendo os temas estarem sendo abordados, porém de modo superficial. É possível que algumas pessoas não percebam alguns debates em sala de aula como parte integrante do debate decolonial, o que aponta para uma possível superficialidade das discussões em sala, sem muitas leituras específicas que explicitem a relação do debate com as discussões decoloniais.

Na sequência, perguntamos de modo aberto (sem indicar opções): “Você destacaria algumas disciplinas em que esses temas aparecem de modo mais relevante?”. As disciplinas mais citadas foram Sociologia e Comunicação (17 respostas), Antropologia (19) e Introdução à Comunicação (11). Trata-se de disciplinas do início do curso, que possuem caráter mais geral, introdutório, ainda sem muita aplicação técnica às duas áreas (jornalismo e publicidade). Disciplinas práticas não foram citadas por nenhum estudante, o que aponta para o viés tecnicista de tais disciplinas.

Por fim, perguntamos: “Quais desses temas você gostaria que estivessem mais presentes nas disciplinas do seu curso?”. A opção mais marcada foi “identidade cultural e representação”, com 90 marcações (84,9%); seguido de “raça”, com 76 marcações (71,7%); “gênero”, com 71 indicações (67%); “sexualidade”, com 66 respostas (62,3%); e “territorialidade”, com 70 indicações (66%).

Alguns estudantes afirmam que certos debates em disciplinas práticas são estimulados pelos próprios alunos, a partir das suas afetações cotidianas e das suas próprias urgências, e não necessariamente por estímulo dos professores e das leituras feitas nas disciplinas.

“Esses temas aparecem em produções em disciplinas práticas, ou seja, é de iniciativa dos alunos pautar essas discussões”, aponta uma estudante do curso de Publicidade e Propaganda. “Nenhuma [disciplina] que fiz até agora traz essa temática presente e direta. Quando tocamos esses assuntos é mais como exemplo de pautas que trazem esse discurso muitas vezes mal trabalhado pela não apropriação sobre o tema”, declara uma estudante do 2º semestre de Jornalismo.

6) ANÁLISE DAS RESPOSTAS AO FORMULÁRIO DOS PROFESSORES

O formulário elaborado para professores dos dois cursos obteve 18 respostas, sendo 11 professores do Jornalismo (61,1%) e sete professores de Publicidade e Propaganda (38,9%). Por se tratar de um número menor de respondentes, em relação ao questionário para estudantes, fizemos a opção por apresentar as respostas a seguir sem indicar percentuais.

Dos 18 respondentes, dez se definem como pardos, seis como brancos e dois como pretos. Em termos percentuais, a definição da maioria como pardos é similar à resposta dada por estudantes. Quanto ao gênero, 16 deles se consideram cisgêneros e uma se definiu como “outros” (5,9%). Essa respondente, inclusive, aproveitou o espaço de outra pergunta, aberta, para demonstrar o seu incômodo com as opções oferecidas por nós como respostas à pergunta sobre gênero, definições que, segundo ela, seriam “limitadoras”.

Em Tempo: PROTESTO VEEMENTEMENTE

Informo que há uma questão na qual não me senti bem, me colocando numa nomenclatura (nome ou expressão). Sou uma pessoa que vive com naturalidade e de forma muito saudável a sua sexualidade. Sou uma mulher cisgênera, SIM, mas isso não diz tudo sobre mim. E não marco a opção "Outro" porque seria uma contradição, visto que ainda assim, eu estaria me "classificando", coisa que não aceito.

Entretanto, o Formulário só pode ser enviado se TODAS as questões forem marcadas. Lamentável! Que fique registrado o meu Protesto.
(resposta de professora dos cursos de Comunicação da UFC a esta pesquisa, em 2021).

Tal incômodo é sintomático do quão urgente se faz o debate sobre temas decoloniais, a exemplo das questões de gênero. Tais debates seriam muito úteis para todos nós que integramos os dois cursos, tanto na condição de estudante, como na condição de professor/a.

Na sequência, perguntamos: “Quais disciplinas você ministrou nos últimos semestres?”. Foram citadas disciplinas muito variadas tanto em termos de semestres alcançados, como em termos de perfil da disciplina (teórica ou prática). Isso demonstra que nossa pesquisa capturou respostas de professores cujas disciplinas possuem perfis plurais, diluídas ao longo da formação dos estudantes, que é de quatro anos, no período regular.

Fizemos, ainda, a seguinte pergunta: “Qual seu nível de proximidade com discussões decoloniais?”. A grande maioria dos respondentes marcaram a opção “Já fiz leituras ou assisti a debates sobre o tema”, com 13 respostas. Em seguida, aparece a opção “Sei do que se trata, mas nunca li sobre o tema”, com três respostas; e “Tenho um bom conhecimento sobre o tema”, com duas respostas. Não obtiveram nenhuma resposta as opções “Nunca ouvi falar” e “Já ouvi falar, mas não sei do que se trata”. Os dois professores que afirmaram ter “um bom conhecimento sobre o tema” possuem um histórico recente de imersão no debate, um deles inclusive promovendo disciplinas e leituras relacionadas ao tema no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC.

É fato que o debate formal sobre decolonialidade já está colocado no ambiente acadêmico, mas parece ainda não ter chegado formalmente aos cursos de Comunicação da UFC. Uma possível explicação para isso é geracional, visto que, durante o processo formativo dos professores (mestrado e doutorado), essas discussões ainda não eram tão evidentes como tem sido nos últimos anos.

Na pergunta seguinte, questionamos: “Nas disciplinas que você ministrou, já foram abordadas e articuladas discussões sobre raça, sexualidade, identidades, territorialidade?”. Ao todo, oito responderam “com frequência”, seis responderam “algumas vezes”, três responderam “nunca”, um respondeu “muito raramente” e nenhum respondeu “sempre”.

De modo a complementar a pergunta anterior, pedimos para que as/os professoras/es indicassem quais disciplinas ministradas por elas/es se destacariam

quanto a tais debates. Foram citadas as seguintes disciplinas: Comunicação e Identidades; Globalização da Comunicação; Teorias da Comunicação; História do Jornalismo e Sociedade; Leituras Transdisciplinares; Jornalismo no Terceiro Setor; Comunicação, Cidadania e Direitos Humanos; Criação; Direção de Arte; Cultura e Linguagens das Mídias; Comunicação e Territorialidades, Transformações no Mundo Trabalho da(o)s Jornalistas; Design Gráfico Aplicado à Publicidade; Educomunicação; Análise do Discurso; Teorias da Comunicação I; Globalização e Culturas Contemporâneas; Ética e Legislação Publicitária.

A grande maioria das disciplinas citadas são teóricas ou exploram temas como ética e direitos humanos. Contudo, faz-se necessário destacar que algumas poucas disciplinas tidas como “técnicas” foram citadas: Criação, Direção de Arte e Design Gráfico Aplicado à Publicidade, sendo as três do curso de Publicidade e Propaganda. Isso demonstra a preocupação que alguns professores demonstram ter ao promover debates que dialogam com as discussões decoloniais, mesmo que tais debates não estejam embasados conceitualmente por referências bibliográficas específicas. Alguns professores lamentam que não haja espaço para tais debates em suas disciplinas práticas. “Infelizmente, esses assuntos não são abordados porque as disciplinas são muito práticas e expositivas”, escreve uma professora do curso de Publicidade.

Perguntamos também: “Quais desses temas você considera mais urgentes para serem discutidos dentro do curso?”. As opções “raça” e “gênero” receberam 14 indicações cada uma, enquanto “territorialidade” e “identidade cultural” receberam nove indicações cada. Em seguida, vem “sexualidade” com quatro respostas, além de opções criadas pelos respondentes: “Intolerância, extremismo político dos movimentos identitários e da direita fascista nas mídias sociais” e “Produção e consumo de bens associados a públicos segmentados de acordo com gênero, raça, território e causa”.

Relacionado à questão anterior, perguntamos: “Você costuma indicar, nas disciplinas que ministra, textos que discutam alguns desses temas citados anteriormente?”. A opção “sim” foi marcada por dez professores, enquanto oito marcaram “não”. Os professores afirmam indicar autores como Milton Santos, Stuart Hall, Fátima Birolli, Tomaz Tadeu da Silva, Silvia Federici, Cathy O’Neil, Tarcizio Silva e Boaventura Sousa Santos.

Minhas indicações se dão de acordo com as discussões temáticas e seus entornos para cada disciplina. Destaco a Orientação de Projetos Individuais de TCC (conforme Tema e Objeto), e os textos que indico quando ministro a disciplina de Leituras Transdisciplinares, quando só indico textos que dificilmente são trabalhados em outras disciplinas. Textos que discutem temas como os indicados nesse formulário, uma vez que esta disciplina é precisamente a que nos dá maior liberdade na indicação de temas ainda tabus na academia, infelizmente, sobretudo em tempos de retrocesso, como vivemos hoje (relato de professor do curso de Jornalismo da UFC).

Eu utilizo artigos que abordam os temas gênero, LGBTQIA+. Posso sugerir, por exemplo, os textos deste ano: Bruna Santiago Franchini, Manuela Viera e Márcio Dias. Para território, Milton Santos e Rogério Haesbaert (professora do curso de Publicidade e Propaganda da UFC).

Neste semestre, fiz diálogos com Audre Lorde, Grada Kilomba e Aníbal Quijano. No próximo semestre, quando estiver ministrando a disciplina Comunicação e Decolonialidade, pretendemos fazer leituras de Gayatri Spivak, María Lugones, Lélia Gonzales, Conceição Evaristo e Glória Anzaldúa (professor do curso de Jornalismo da UFC).

A partir dos relatos, podemos considerar que, aos poucos, os debates decoloniais vão sendo inseridos de modo formal nos cursos de Comunicação da UFC. É perceptível, por meio dos relatos de estudantes e professores, que tais debates já aparecem em sala de aula, mas quase sempre estimulados a partir de eventos práticos, sem necessariamente recorrer a leituras, o que poderia contribuir para a elaboração de reflexões mais refinadas acerca de temas considerados “urgentes” para a nossa sociedade.

7) CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos depreender dos resultados que as discussões decoloniais experimentadas em sala de aula já possuem certa expressão em termos de reflexões acerca do fazer jornalístico e publicitário, sendo, contudo, ainda tímida em termos de bibliografia das disciplinas e de debate racionalizado sobre o tema decolonial.

As limitações desses diálogos por meio das ementas dos cursos se tornam evidentes, principalmente quando analisamos os dados e nos deparamos com as contradições entre respostas entre docentes e alunes.

Por outro lado, os apontamentos acerca das iniciativas dos alunes em torno desses tópicos nas disciplinas mais expositivas demonstra um certo despertar cada vez mais expressivo, que torna mais urgente e necessária a inclusão de conteúdos que

direcionem e enriqueçam experiências de troca, adicionando possibilidades de repertório e reflexão.

Por meio da possibilidade de adicionar textos às ementas, há uma maior aproximação em relação ao objetivo de alcançar amplamente os discentes dos cursos de Comunicação da UFC, impactando positivamente também os docentes.

8) REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. **O Perigo da História Única**. Vídeo da palestra da escritora nigeriana no evento Technology, Entertainment and Design (TED Global 2009). Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ, V.1, n. 11, pp. 46- 59, jul./dez. 2014.

BOAVENTURA, S. S; MENESES, M.P. **Epistemologias do Sul**. Coimbra. Almeidina, 2009.

CORRÊA, L.; GUIMARÃES-SILVA, P.; BERNARDES, M.; FURTADO, L.. **Entre o interacional e o interseccional: Contribuições teóricoconceituais das intelectuais negras para pensar a comunicação**. Eco-Pós, v. 21, n.3, p.147-169, 2018.

FANON, Frantz. **Pele Negra. Máscaras Brancas**. Rio de Janeiro: Ed. Fator, 1983.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado - por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Nailly, 2007.

HALL, S. **Raça, cultura e comunicações: olhando para trás e para frente dos estudos culturais**. Projeto História, São Paulo, v. 31, p. 15-24, 2005.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo, Editora Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

IMARISHA, Walidah. **Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça**. Oficina de Imaginação Política - 32ª Bienal de São Paulo: São Paulo, 2016. Tradução: Jota Mombaça.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KOPENAWA, Davi. ALBERT, Bruce. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

PASSOS, Maria Clara Araújo dos. **O currículo frente à insurgência decolonial: constituindo outros lugares de fala**. Cad. gên. Tecnol., Curitiba, v.12, n. 39, p. 196-209, jan./jun. 2019.

PEREZ, Clotilde; POMPEU, Bruno. **Quando a presença está longe da equidade: o negro na publicidade brasileira, ainda um estereótipo.** In: LEITE, Francisco; BATISTA, Leandro L. (orgs.). **Publicidade antirracista: reflexões, caminhos e desafios.** São Paulo: ECA-USP, 2019a.

QUIJANO, Aníbal. “**Colonialidad del poder y clasificación social**”. Op. cit. 2005.

RAMOS, Jorge Abelardo. **Historia de la nación latinoamericana.** Buenos Aires, 1968

WEDDERBURN, Carlos Moore. **O racismo através da história: da antiguidade à modernidade.** 2007. Disponível em: http://www.ipeafro.org.br/10_afro_em_foco/index.htm.